

FORMAÇÃO DOCENTE, ENSINO DE HISTÓRIA E APROXIMAÇÃO COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO-TDIC

Antonio Guanacuy Almeida Moura¹
Braz Batista Vas²

75

Resumo: As transformações causadas na sociedade pelo uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), estão presentes em todas as instituições e espaços sociais contemporâneos, dentre estes o ambiente escolar, refletindo-se sobre as formas de pensar, ensinar e fazer a educação histórica no tempo presente. Neste sentido, buscam-se novos métodos, linguagens e práticas que promovam orientações para vida cotidiana dos discentes a partir de suas experiências, nesse contexto a aproximação dos docentes com as tecnologias digitais de informação e comunicação, a partir do seu uso como recursos didático-pedagógicos para aulas de História podem contribuir para o rompimento de velhos paradigmas educacionais, por vezes centrado apenas na memorização e transmissão de informações. Este artigo se propõe a discutir a aproximação entre o Ensino de História, a formação docente as tecnologias digitais.

Palavras-Chave: Ensino de História. Formação Docente. Tecnologias Digitais.

Abstract: The transformations caused in society by the use of digital information and communication technologies (TDIC), are present in all contemporary social institutions and spaces, among them the school environment, reflecting on ways of thinking, teaching and doing. In this sense, we seek new methods, languages and practices that promote orientations for everyday life of students based on their experiences, in this context the teachers' approach to digital information and communication technologies, based on their use as didactic-pedagogical resources for History classes can contribute to the disruption of old educational paradigms, sometimes centered only on the memorization and transmission of information. This article proposes to discuss the approximation between Teaching History, teacher training and digital technologies.

Keywords: Teaching History. Teacher Training. Digital Technologies.

¹Mestre em Ensino de História, Universidade Federal do Tocantins (UFT). Araguaína, TO, Brasil. antonio.moura@iftto.edu.br

²Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp/Franca). Universidade Federal do Tocantins (UFT). Araguaína, TO, Brasil. brazbv@gmail.com

Recebido em 06/06/2019
Aprovado em 15/07/2019

INTRODUÇÃO

A História, como disciplina e área do conhecimento, no tempo presente (FERREIRA, 2018; HARTOG, 1996), tem se deparado com novas técnicas, métodos e recursos alternativos para o seu ensino, o que tem tornado as aulas em sala e fora dela, mais dinâmicas e ricas para a aprendizagem dos alunos. Nesse contexto, diversas técnicas de ensino e recursos metodológicos destacam-se, a saber: as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC, o acesso a informação via *sites* de História na *web*, e-books, sala de aula invertida e demais metodologias ativas e participativas dentre outras.

O avanço e o uso destas técnicas e recursos digitais no ensino tem proporcionado aos professores de História e seu alunos, em sua grande maioria nativos digitais que se mantem interconectados, a possibilidade de ensinar e aprender por meio do espaço digital, facilitando o contato com o conhecimento histórico que é produzido e difundido via *web*, e é na escola, conforme nos aponta Bottentuit Junior e Santos (2014), que esses saberes adquiridos são compartilhados entre os alunos e professores, tanto na forma presencial como virtualmente.

Portanto, percebe-se que as tecnologias digitais e seus recursos, no tempo presente (FERREIRA, 2018; HARTOG, 1996), proporcionam o que Pierre Lévy (2005), denominou de desterritorialização, fato proporcionado pela virtualização de uma pessoa, de uma coletividade, ato ou informação, a partir do quales tornam-se “não-presentes”, pois “a sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo” (LÉVY, 2005, p. 21)

E o ato de ensinar e aprender História não tem ficado de fora desse processo no qualespaço e tempo são recortados pela interconexão digital, as aulas já não restringem-se apenas a espaços físicos, a comunicação entre professores e alunos está cada vez mais mediada pelas mídias digitais e a internet, e a possibilidade de comunicação e interação face a face ou virtualmente é cada vez maior, logo:

O que a tecnologia traz hoje é a integração de todos os espaço e tempos. O ensinar e o aprender acontecem em uma interligação simbiótica, profunda e constante entre os chamados mundo físico e digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. (MORAN, 2015, p. 39).

Desse modo, isso significa dizer que temos uma mudança na maneira de pensar e ensinar História, pois a inter-relação existente entre educação, ensino de História e os aparatos tecnológicos, estão cada vez mais presentes na rotina dos atores escolares. Percebe-se, como afirma Dos Santos (2017, p. 58), a “[...] educação, como uma área da vida social que comporta muitas e variadas práticas, [que] há muito utiliza diferentes *técnicas e tecnologias* como instrumentos mediadores dos processos de ensino e aprendizagem”.

Kenski (2007), ao tratar sobre educação, poder e tecnologias nos chama a atenção para o poder que há na articulação da educação com o conhecimento e as tecnologias. Esta autora ressalta também o papel do professor nesse processo e no uso que ele faz dos suportes tecnológicos.

Por sua vez, na ação do professor na sala de aula e no uso que ele faz dos suportes tecnológicos que se encontram a sua disposição, são novamente definidas as relações entre conhecimento a ser ensinado, o poder do professor e a forma de exploração das tecnologias disponíveis para garantir melhor aprendizagem dos alunos. (KENSKI, 2007, p. 13).

Percebe-se aí, a importância do professor na aprendizagem dos discentes, sendo necessário, por sua parte, aliar conhecimentos pedagógicos que integrem a sua prática aos recursos tecnológicos a sua disposição; orientar e propor aos discentes a resolução de atividades que favoreçam uma aprendizagem colaborativa, possibilitando-lhes: aprender e acessar informações além do espaço-tempo da sala de aula; a ressignificar as informações disponíveis na *web*; a construir novos conhecimentos e a desenvolver a espiral da aprendizagem.

Conforme destaca Almeida (2005):

É importante integrar as potencialidades das tecnologias de informação e comunicação nas atividades pedagógicas, de modo a favorecer a representação textual e hipertextual do pensamento do aluno, a seleção, a articulação e a troca de informações, bem como o registro sistemático de processos e respectivas produções, para que possa recuperá-las, refletir sobre elas, tomar decisões, efetuar as mudanças que se façam necessárias, estabelecer novas articulações com conhecimentos e desenvolver a espiral da aprendizagem. (ALMEIDA, 2005, p. 66).

É possível, com isso, dar sentido e ressignificar as informações a que os aprendizes têm acesso por meio do uso de recursos digitais, dentro e fora do espaço escolar, transpondo didaticamente, desta maneira, por meio das inovações tecnológicas, os conteúdos a serem ensinados. Para Schimidt (2009, p. 65), “para que a prática de sala de aula adquira “o cheiro bom do frescor”, é preciso que se assumam definitivamente os desafios que a educação histórica enfrenta hoje em dia”.

Em razão do acelerado ritmo de mudanças na sociedade nas últimas décadas, ocasionado pelas TDIC, a circulação de informações disponíveis tem transposto os diversos espaços sociais, e a possibilidade de acesso a documentos e textos históricos não se limitam mais apenas aos arquivos públicos, museus, livros e manuais didáticos dispostos nas prateleiras das bibliotecas.

Com um *click* pode-se acessar diversos *sites* que disponibilizam materiais históricos e didáticos para consulta e estudo, totalmente digitalizados, e os docentes de História, quando encorajados a integrar as suas aulas uma proposta pedagógica a qual se aliem as TDIC, criam as condições necessárias para se lidar com o grande volume de informações disponibilizadas na internet no tempo presente (FERREIRA, 2018; HARTOG, 1996).

Martha Gabriel (2013) nos aponta que:

Enquanto no passado as possibilidades de obter informações estavam limitadas a um número determinado de fontes e origens, hoje, a cada dado instantâneo, o volume de informações geradas em tempo real por um número incontável de fontes e origens inunda o presente. (GABRIEL, 2013, p. 74).

Adaptar o espaço digital à educação é uma tarefa que demanda condições apropriadas, pois a cada dia surgem novos recursos (*Webquests*, *blogs*, *sites* educativos, *podcasts*, aplicativos etc.) que estão sendo disponibilizados na internet para os pesquisadores do ensino, educandos e educadores, e “A “navegação” pela internet é uma possibilidade atraente, no entanto é preciso pensar como esse espaço pode ser melhor utilizado para ensino, neste caso, ensino de História” (HAHN e GIOVANNI, 2015, p. 437).

Formação Docente e Tecnologias Digitais

A inserção na escola, de recursos tecnológicos, e sua utilização pelos professores, é uma discussão que merece destaque, pois é na escola e através dos docentes, como mediadores deste processo, no qual tecnologias e conhecimentos se integram no sentido de produzir novos conhecimentos, sendo necessário, portanto, conforme apontam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica-DCNEB “[...] repensar a formação dos professores para que possam enfrentar as novas e diversificadas tarefas que lhes são confiadas na sala de aula e além dela” (BRASIL, 2013, p. 171).

Em meio a essa transformação cultural que estamos vivendo, provocada pelo acesso exponencial a recursos e meios digitais de informação e comunicação, é necessário que os docentes mergulhem na cibercultura³ para compreender o universo dos chamados “nativos digitais”. Os professores, portanto, devem se apropriar das ferramentas digitais, a fim de potencializar o processo de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, Beth Almeida ressalta que:

Compreender as diferentes formas de representação e comunicação propiciadas pelas tecnologias disponíveis na escola bem como criar dinâmicas que permitam estabelecer o diálogo entre as formas de linguagem das mídias são desafios para a educação atual que requerem o desenvolvimento de programas de formação continuada de professores. (ALMEIDA, 2005, p. 63).

Em entrevista à revista *Gestão Educacional*, Pierre Lévy, quando indagado se a forma de ensinar mudaria nos próximos anos, apontou para um cenário de mudanças que requer uma preparação dos alunos para essa nova realidade, porém, é necessário que os profissionais da educação se preparem antes para ensinar no novo cenário que se constitui.

Sim, estamos no início de uma grande transformação cultural. Hoje, nós podemos estar em dois lugares ao mesmo tempo. O banco de dados da internet funciona como uma biblioteca única de todo o mundo. E nós podemos usar essas informações, que podem estar em outros idiomas, porque já há ferramentas que traduzem tudo para nós. Esses três processos eu chamo de ubiquidade, interconexão e manipulação automática de símbolos. Essa é a nova situação que vivemos. Isso está ligado à educação, porque temos que preparar

³Para Pierre Lévy "cibercultura", especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 16).

os alunos para essa nova realidade. Mas temos que nos preparar antes de ensinar. (MESQUITA, 2013, p. 1).

Mesmo com a crescente utilização de tecnologias digitais no ensino, a experiência de trabalhar com uma nova metodologia em sala de aula sempre foi um grande desafio para os professores, que em sua grande maioria são “imigrantes digitais”, já que o novo sempre causa um pouco de estranheza e desconforto, principalmente quando se trata do uso de recursos tecnológicos digitais, porém, tais recursos podem facilitar o processo de ensino – aprendizagem. Conforme nos explicita Torres (2011, p. 02), “é essencial que o estudante tenha acesso aos mais variados tipos de tecnologias, desde as mais simples até as mais sofisticadas para que possa refinar sua percepção”.

A aceitação e compreensão sobre o uso das tecnologias digitais por parte dos docentes, é o passo inicial, para inclui-las como ferramentas que possam enriquecer a prática pedagógica, de forma que contribua para uma aprendizagem colaborativa e o desenvolvimento da autonomia dos discentes.

Dentro dessa perspectiva, Nóvoa (2011, p. 14) salienta que:

Os professores reaparecem no século XXI como “elementos insubstituíveis não só na promoção das *aprendizagens*, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios da *diversidade* e no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das *novas tecnologias* (grifos nossos)”. (apud GUIMARÃES 2012, p. 113).

O texto das Diretrizes Nacionais da Educação Básica, nos lembra que as “tecnologias da informação e comunicação modificaram e continuam modificando o comportamento das pessoas e essas mudanças devem ser incorporadas e processadas pela escola para evitar uma nova forma de exclusão, a digital” (BRASIL, 2013 p. 167). Assim, a escola, deve constituir-se como um espaço democrático, onde diversas possibilidades de aprender e ensinar devem estar presentes, haja vista as inúmeras fontes, materiais e linguagens que tem sido incorporadas no processo de ensino e aprendizagem.

O uso de tecnologias digitais da informação e comunicação na educação, em especial na área de Ciências Humanas e Sociais, é uma proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNs), desde os anos 2000, e seu uso e aplicação devem ser explorados, para que o educando possa “entender a importância das

tecnologias contemporâneas de comunicação e informação para o planejamento, gestão, organização, fortalecimento do trabalho de equipe” (BRASIL, 2000, p. 96). A exploração das propriedades constitutivas dessas tecnologias aplicadas ao ensino de História, podem permitir a inovação prática na sala de aula por parte dos docentes, além de proporcionar aos discentes a base para construção de novos conhecimentos, a seleção de informações em distintas fontes disponíveis na *web* e o uso de recursos tecnológicos distintos.

Tal proposta é reforçada anos mais tarde com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica DCNEB (2013), que faz referência as diretrizes indicadas no I Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2010, e apontaram as qualidades esperadas do professor, das quais destaca-se no artigo VI, “domínio das novas tecnologias de comunicação e da informação e capacidade para integrá-las à prática do magistério” (BRASIL, 2013, p. 172).

No entanto a presença das TDIC, aplicadas a educação histórica e ao seu ensino por si só não é garantia de uma maior qualidade no processo de ensino-aprendizagem, pois a aparente modernidade a partir do uso de tais recursos no processo de ensino pode mascarar, ainda, um ensino tradicional, pautado na memorização tradicional das informações por parte dos discentes, assim, a formação pedagógica dos docentes se converte em um dos fatores-chave para o uso dos recursos digitais.

A Formação esta já sinalizada pelo Decreto nº 6.755/2009, que estabeleceu alguns objetivos para a Política Nacional de Formação de Professores, dentre estes o artigo IX nos chama atenção, ressaltando ser necessário “Art.IX – promover a atualização teórico-metodológica nos processos de formação dos profissionais do magistério, inclusive no que se refere ao uso das tecnologias de comunicação e informação nos processos educativos” (BRASIL, 2013, p. 172-173).

Mesmo com o incentivo das diretrizes e das políticas de incentivo a formação docente, alguns professores ainda possuem dificuldades em lidar e incorporar as TDIC no fazer docente, com um reflexo da sua formação inicial, incidindo diretamente na sua prática pedagógica, já que, segundo Bacich, Tanzi e Trevisani (2015, p. 90), “Apenas alguns cursos de licenciatura trazem uma ementa pautada em ferramentas tecnológicas e ensino on-line”.

Além do fator 'formação docente', Caimi (2014) elenca outros fatores que produzem um descompasso entre o ritmo com que as TDIC avançam na sociedade e sua penetração no espaço escolar.

Essa suposta brecha entre escola e sociedade no uso das tecnologias da informação, comunicação e interação pode ser entendida sob muitos aspectos: alguns de caráter financeiro, como alto custo de instalação e manutenção de equipamentos nas escolas, alguns de cunho educativo, como o apego a formatos pedagógicos de maior tradição ou o predomínio de certos modelos de formação dos professores; outros de natureza cultural e de mentalidade, como o receio da perda de controle sobre o processo de ensino-aprendizagem, a falta do domínio dos professores no manuseio desses suportes digitais, as mudanças que pressupõem nos papéis convencionais de professor e aluno para enumerar apenas alguns. (CAIMI, 2014, p. 174-175).

Desta maneira, percebe-se que a utilização das tecnologias digitais da informação e comunicação se constituem em grande desafio para a escola e os docentes que queiram adquirir alguma competência e habilidade no tocante ao uso destas, já que é necessário adequar-se as novas demandas socialmente impostas nesta era de informação e conhecimento, pois, "Ensinar e aprender são desafios que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento"(MORAN, 2000, p. 12).

Posto o desafio ao professor, cabe a ele, agora, explorar as potencialidades educativas das ferramentas digitais, repensando a dimensão individual e coletiva do processo educacional, tornando-se um intermediário entre o aluno e as fontes históricas disponibilizadas na *web*. Nesse aspecto, Lévy (1999, p. 157), aponta que "o professor é incentivado a torna-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos".

Assim, o acesso aos recursos tecnológicos neste início do século XXI podem melhorar e aperfeiçoar o seu fazer pedagógico em sala, conforme aponta Junior (2013, p. 8), "As tecnologias da informação facilitaram as interações entre as pessoas, trazendo assim, novas possibilidades para o processo de ensino aprendizagem no campo educacional". Portanto, cabe aos docentes, em especial os de História, apresentar possibilidades de uso dos mais diferentes recursos didáticos e tecnológicos que possam viabilizar um aprendizado significativo, colaborativo e interessante para os discentes, despertando o interesse em relação ao conteúdo ministrado.

A aproximação entre as Tecnologias Digitais e Ensino de História

A propósitoda discussão entre História e a utilização de diferentes fontes e linguagens aplicadas ao seu ensino, em especial as tecnologias digitais, cabe-nos pensar e estudar um tempo específico, *o tempo presente*⁴, que traz consigo, várias questões que possibilitam amplo diálogo no que se refere ao *métier* do historiador na sociedade da informação, Ferreira e Franco (2013, p. 72), apontam que, “Nesse sentido, a legitimidade do tempo presente como objeto de investigação histórica abriu espaço para uma nova gama de estudos e questões teóricas e metodológicas para o ofício do historiador.”

A História, em todas as suas dimensões, não ficou de fora da influência promovida pelo processo de informatização da sociedade, sendo o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação objeto de debates e estudos entre pesquisadores, educadores e professores da área, o que demonstra não só a preocupação com a História como disciplina escolar, mas conduzem a percepção necessária de que é “[...] impossível deixar de fazer uso da informática, mas não é possível deixar de se preparar para debater as implicações metodológicas de suas aplicações” (FIGUEIREDO,1997, p. 594).

Nesse sentido, o uso das TDIC, podem oferecer amplas possibilidades a História e ao seu ensino, dada a infinidade de recursos, informações e fontes disponíveis no ciberespaço, sendo necessário reflexões por parte dos docentes e pesquisadores, pois “A questão do armazenamento, tanto das informações como de fontes bibliográficas que

⁴ O conceito formulado por François Bédarida, *histoire du temps présent*, ganha destaque na Alemanha, e especialmente na França, onde esse novo campo da História se desenvolveu, ganhando notoriedade e tornando-se mundialmente conhecido a partir de 1978, quando François Bédarida, cria na França o *Institut d'histoire du temps présent (IHTP)*, dirigindo-o até 1990. De acordo com Motta (2012, p. 30), segundo os informes do próprio instituto, sua história se escreve dentro de um duplo contexto: em primeiro lugar, a anamnese coletiva que viu o despertar de uma memória europeia e internacional da Segunda Guerra Mundial e de suas sequelas e, em segundo, o surgimento de uma nova historiografia contemporânea, “entendida em seu sentido etimológico, que ganhou plena legitimidade no campo científico”. Devemos, também, a François Hartog importantes reflexões sobre o tempo presente. Em seu livro *Régimes d'historicité*, ele defende a ideia de presentismo, ou seja, o foco posto no presente (por si e em si). Segundo Hartog (1996, p. 11) “Não apenas uma história do presente é possível, mas o presente, enquanto o ponto de que parte o historiador e para o qual ele volta, torna-se a categoria principal da reflexão histórica.”

interessam ao pesquisador em História também passa pela informática e merece atenção” (TAVARES, 2012, p. 303).

Ressalta-se, porém, que apesar do aumento crescente das informações e difusão dos recursos tecnológicos, os mesmos não devem ser encarados como substitutos do papel do professor em sala de aula. As tecnologias digitais devem ser entendidas e utilizadas como ferramentas de apoio a prática docente. De acordo com Schimidt (2009, p. 64), “constata-se que, neste processo, não basta ater-se às características e potencialidades próprias das novas tecnologias, mas também refletir e retomar a sua interação com os currículos e com a prática pedagógica em sua totalidade.”

Corroborando com Schimidt, Selva Guimarães esclarece que:

O processo de ensino e aprendizagem pode ser enriquecido e ampliado com a incorporação de novas fontes de saberes, como a Internet, sem, contudo, desprezar outras fontes, ou torna-la “a mais confiável”, “a mais importante na atualidade”. (FONSECA, 2009, p. 193).

Frisamos desta maneira, ser necessário, por parte dos professores, no que tange ao uso de recursos tecnológicos, em especial no ensino de História, que ao utilizar tais recursos disponibilizados na *web 2.0*⁵, o professor deve tomar alguns cuidados, pois “O entusiasmo por essas conquistas técnicas deve estar mesclado a algumas cautelas, para evitar que se transforme num deslumbramento com a aparelhagem, destituído de pensamento sobre os instrumentos e as conclusões a que elas nos dão acesso” (SILVA; FONSECA, 2007, p. 86).

Portanto, ao refletir sobre seu uso e ao inseri-las no âmbito do ensino de História, abre-se o caminho para a renovação dos métodos de ensinar e aprender História, de modo a favorecer e amplificar a compreensão dos processos históricos que levam a formação e a constituição dos sujeitos no tempo presente. Logo:

Nas últimas décadas do século XX e na primeira do século XXI, a produção historiográfica e educacional não somente se ampliou de forma consistente e gradativa, como alargou sua presença na indústria cultural incluindo aqui os

⁵ A expressão se refere as percepções de mudanças nas relações entre usuários, desenvolvedores e ambientes virtuais, especialmente a partir de 2004, como consequência de uma série de desenvolvimentos técnicos e da forma como nos relacionamos com eles, caracterizando um novo período de interações mais dinâmicas, velozes e colaborativas.

diferentes espaços de produção de novas tecnologias e artefatos, objetos que fazem parte da cultura contemporânea. (GUIMARÃES, 2012, p. 19).

Novas demandas sociais estão postas, e impõe-se a historiadores e professores de História e ao seu ensino, sendo necessário refletir e discutir sobre as novas perspectivas que se abrem com a utilização dos recursos digitais no campo do conhecimento historiográfico, ensino, pesquisa e aprendizagem, pois “é inegável que as transformações tecnológicas, aliadas à crescente produção de equipamentos e programas em atendimento às demandas do mercado, vêm fazendo uma significativa alteração de usos, costumes e práticas, especialmente entre os jovens” (TAVARES, 2012, p. 301).

Portanto, evidencia-se as mudanças que essa nova geração, a dos nativos digitais, tem com o saber, num contexto marcado pela leitura de hipertextos⁶, mudança no ritmo da aprendizagem e a acelerada velocidade na circulação das informações, o que faz com os professores, particularmente o de História, busque mecanismos que os aproximem do mundo dos discentes, contribuindo para aprendizagem histórica⁷, assim, “é preciso pensar sobre algumas perspectivas básicas no contato com a informática no campo do conhecimento histórico, tanto na pesquisa quanto no ensino e na aprendizagem” (SILVA; FONSECA, 2007, p. 86).

Desta feita, o ensino de História, quando transposto didaticamente, auxilia e possibilita aos alunos uma reflexão no sentido da compreensão, interpretação e orientação na vida prática, resultando em uma aprendizagem histórica que proporciona aos discente uma nova leitura do “mundo”.

Segundo Schmidt e Cainelle (2009):

Atualmente, a preocupação com a importância do conhecimento histórico na formação intelectual do aluno faz com que um dos objetivos fundamentais do ensino seja o de desenvolver a compreensão histórica da realidade social. Assim, compreender a história com base nos procedimentos históricos tornou-se um dos principais desafios enfrentados pelo professor no cotidiano de sala de aula. Esse desafio é um passo interessante na construção de uma prática de ensino reflexiva e dinâmica, podendo-se afirmar que ensinar História é fazer o

⁶ O conceito de hipertexto é definido por Pierre Lévy (1999) como um texto em formato digital, reconfigurável e fluído. Adotaremos o conceito proposto por Lévy no decorrer do texto.

⁷ Concebemos o conceito de aprendizagem histórica, como um processo de mudança na estrutura da cognição histórica, por meio de processos que visam o desenvolvimento do pensamento e formação da consciência histórica, que não limita-se apenas ao enunciado de datas, eventos, e narrativa dos fatos. Segundo Rüsen (2010), “Aprender é um processo dinâmico, ao longo do qual o sujeito aprendiz passa por mudanças. Ele adquire alguma coisa, apropria-se de algo: um entendimento, uma capacidade ou um misto dos dois” (RÜSEN, 2010, p. 106).

aluno compreender e explicar, historicamente, a realidade em que vive. (SCHIMIDT; CAINELLI, 2009, p. 53).

No entanto, percebe-se ainda hoje nas escolas, um crescente desinteresse nas aulas por boa parte dos alunos, já que houve uma mudança na relação desses jovens com a escola e muitos consideram as aulas e a escola desconectadas de seu mundo (CAIMI, 2014), e nas aulas de História isso se acentua, já que muitas vezes a maneira como as aulas são ministradas, principalmente de forma expositiva, dão a entender que o conhecimento histórico é algo ultrapassado, estático e memorizado, Segundo Schmidt e Cainelli:

A dinâmica da subjetividade fica estagnada quando a História é ensinada como algo certo, dado. O conhecimento histórico quando passa a ser aprendido apenas pela recepção evita - em vez de promover - a habilidade de dar sentido a história e de orientar de acordo com a experiência histórica. (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 19-20).

Ensinar História é poder criar possibilidades para que os alunos aprendam a refletir de forma crítica sobre a sua realidade, dando, assim, significado aos conteúdos apreendidos. De acordo com Schmidt (2009, p. 57), é despertar o senso crítico para “entender que o conhecimento histórico não é adquirido como um dom” e sim através de pesquisas, de descobertas e redescobertas.

Deve-se ter em mente que a sala de aula não deve ser um espaço para simples transmissão de conteúdo, mas antes disso, um ambiente de partilha de experiências entre os docentes e discentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Anovidade na sala de aula é necessária, e deve-se procurar meios para conseguir transformar o passado, que parece ser tão antigo, em objeto novo. Logo:

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas em problemáticas. (SCHMIDT, 2004, p. 57).

Há um grande desafio posto aí nesse processo de informatização, seja para os docentes, discentes e/ou para o ensino de História, que não ficou excluído do processo de informatização que todos os setores da sociedade vêm passando, sendo a *World Wide Web* (rede mundial de computadores), uma ferramenta didática imprescindível para lidar com a distribuição de informações e conhecimento. Segundo nos afirma Ferreira e Franco:

[...]. Pelo contrário, a internet revela-se cada vez mais um elemento incontornável na vida das pessoas. O ensino de História pode se beneficiar na medida em que capacitar alunos e professores a selecionar e a distinguir as fontes onde foram extraídas suas informações e, assim, fazer com que a internet se constitua num recurso didático e pedagógico a mais, na medida em que fornece, com rapidez inigualável, várias possibilidades de leitura. (FERREIRA; FRANCO, 2013, p. 166).

O Ensino de História se beneficiou dessa expansão da informática e seus recursos, e da possibilidade de uso para as pesquisas aplicadas ao ensino de História; pois de acordo com Rosa (2011, p. 14), “Do mesmo modo que alguns historiadores se dirigem aos arquivos físicos para obter material inédito na pesquisa acadêmica, atualmente, a Internet também pode propiciar essa experiência.”

Assim, os professores de História, podem acessar as fontes históricas disponibilizadas na *web*, a fim de selecionar e ampliar o leque de fontes, que podem ser usadas didaticamente nas aulas de História, pois no momento presente, não se pode ignorar o uso dos computadores e da internet, sem porém, pensar que a pesquisa e o ensino de História devesse ater apenas a tais recursos, pois as transformações causadas pelos recursos tecnológicos, vão além do campo de pesquisa dos historiadores e professores de História.

Não cabem aqui as explicações técnicas mais detalhadas, senão as referidas às possibilidades da informática para a pesquisa histórica. Atualmente, o historiador tem acesso a uma quantidade quase infinita de informações, distribuídas em centenas de milhares de sites que oferecem análises de fatos históricos, cronologias, biografias, reproduções de imagens de quadros, esculturas, obras arquitetônicas, músicas, dicionários, enciclopédias, embora parte desse material não siga padrões acadêmicos ou científicos, seja na seleção de fatos ou temas, seja na análise destes. (TAVARES, 2012, p. 308).

A facilidade com a qual se acessam os dados e informações disponibilizados na *web 2.0* ou posterior trouxe ganhos para o processo de ensino-aprendizagem. A orientação quanto a navegação no “mar de informações” que a rede oferece, de acordo com Silva e Porto (2012, p. 87) “Em certos casos, quando são principiantes, é necessário que sejam orientados prioritariamente sobre o manuseio do computador, os passos apropriados para a navegação e as possibilidades que o mundo digital pode oferecer”.

Desta forma, cabe ao professor orientar os seus alunos a adquirirem competências para localizar, selecionar, acessar, e usar as informações disponibilizadas na *web*, para isso, o professor pode lançar mão de projetos colaborativos baseado na inteligência coletiva⁸, contribuindo para a aprendizagem dos discentes.

Nessa perspectiva Maria da Graça Setton, destaca que:

[...] a principal função do professor não pode ser mais a difusão dos conhecimentos que agora é feita de maneira mais eficaz por outros meios. A competência do professor deve se deslocar no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor se torna um animador da inteligência coletiva que estão ao seu encargo. (SETTON, 2015, p. 103).

No contexto atual, significa dizer que a aproximação das tecnologias digitais da informação e comunicação e o ensino de História, deve ser levado em conta, pois de acordo com as DCNEB (2013, p. 25-26), “Essa distância necessita ser superada, mediante aproximação dos recursos tecnológicos de informação e comunicação, estimulando a criação de novos métodos didático-pedagógicos, para que tais recursos e métodos sejam inseridos no cotidiano escolar”. Dessa forma, as tecnologias digitais, deixam de ocupar um espaço de disputa, podem flexibilizar o currículo, dar suporte e enriquecer a prática do docente, ampliando as possibilidades do uso de novas fontes e linguagens que se aplicam ao ensino de história.

Considerações Finais

⁸O conceito de inteligência coletiva é debatido por Pierre Lévy, nas obras: “A inteligência Coletiva” e “O que é Virtual?” Para Lévy, trata-se de uma “inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. Acrescentemos à nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas.” (LÉVY, 2010, p. 28-29)

Com a popularização dos recursos digitais, surgiram novas possibilidades pedagógicas para o ensino-aprendizagem nas aulas de História, proporcionando aos docentes explorar novas formas de ensinar e aos discentes, novas formas de aprender, contribuindo para o rompimento de velhos paradigmas educacionais, centrados muitas vezes na memorização e transmissão de informações.

Na sociedade em que vivemos, o uso das TDIC no ensino de História e no processo educativo não pode ser ignorado, caso contrário, incorremos no erro de construir ambientes de aprendizagem fora de seu tempo, ou seja, anacrônicos. Em função da proliferação de plataformas educativas, de informações e conteúdos provenientes de distintas fontes no ciberespaço, ampliou-se as possibilidades para uma aprendizagem colaborativa. Para Pierre Lévy, em entrevista à revista *Gestão Educacional*, em 2013, “estamos vivendo o início de uma transformação cultural, em que a forma de construir o conhecimento é colaborativa.”

Os alunos são os maiores beneficiados destas mudanças emergentes, pois a maior parte do aprendizado dentro desta cultura do digital acontece em grupos e em colaboração, já que “ações cooperativas e colaborativas de avanço no conhecimento libertam os alunos para novas aprendizagens e progressos em relação ao seu aprendizado” (KENSKI, 2003, p. 59)

Os recursos digitais, ampliaram ainda mais as possibilidades de acesso ao saber, interação e colaboração no meio educacional, moldando-se e transformando-se à medida que a sua utilização e implementação, por meio de ambientes virtuais de aprendizagem intensificaram-se, promovendo formas mais envolventes de participação por meio de atividades de ensino colaborativo na *web*, em um processo educacional voltado para o desenvolvimento de grupos e redes de colaboração.

Referências

ALMEIDA, M. **Formação de professores na integração de mídias. Prática pedagógica e formação de professores com projetos. Integração das Tecnologias na Educação.** Secretaria de Educação a Distância: MEC, SEED, 2005.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; DE MELLO TREVISANI, Fernando. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso editora, 2015.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; SANTOS, Camila Gonçalves. Revisão Sistemática da Literatura de Dissertações Sobre a Metodologia WebQuest. **Revista Educa Online**, Rio de Janeiro, v. 8, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p. ISBN: 978-857783-136-4

CAIMI, Flávia Eloisa. Geração homo Zappiens na Escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica. In: Marcelo Magalhães... [et al.] (Org.). **Usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. 280p.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

_____. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar. 2018.

FIGUEIREDO, Luciano R. História e informática: uso do computador. In: **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**/ Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (org.). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FONSECA, Selva Guimarães; SILVA, Marcos. **Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido**. São Paulo- Campinas: Papyrus, 2007.

GABRIEL, Martha. **Educar: a (r) evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. 13 ed. rev. e ampl. Campinas/SP: Papyrus, 2012 (Coleção Magistério: Formação do Trabalho Pedagógico).

HAHN, Fábio André; GIOVANNI, Adaiane. Iniciação à docência e ensino de história—desafios na contemporaneidade. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, n. 2, 2015.

HARTOG, François. Time, **HistoryandthewritingofHistory:theorderof time**, 1996. Disponível em: < https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/Fran%C3%A7ois_Hartog_-_Regime_de_Historicidade_%281%29.pdf > acesso em 14/11/2017.

JUNIOR, R. M. A. O Ensino a Distância e as Novas tecnologias. **Revista Primus Vitam**. nº 5 – 1º semestre de 2013.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias**: o novo ritmo da informação. 6 ed. Campinas: Papirus, 2007.

_____. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas-SP: Papirus Editora, 2003.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 9 ed. São Paulo. Loyola, 2007.

_____. **Cibercultura**. [Tradução de Carlos Irineu da Costa]. São Paulo. Ed. 34, 1999.

_____. **Que é o Virtual?** Tradução Paulo Neves. 1 ed., 7reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2005.

MORAN, José. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi e TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 28-45.

MORAN, José Manuel. Ensino e Aprendizagem Inovadores Com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas In: MORAN, José Manuel; MASSETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas-SP: Papirus. 2000. p. 11-65.

MESQUITA, D. Internet e escola de mãos dadas. **Revista Gestão Educacional**, abr.2013. Disponível em:
<https://carolineluvizotto.wordpress.com/2013/05/27/entrevista-com-pierre-levyinternet-e-escola-de-maos-dadas/> Acesso em 30/05/2017.
Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio). Brasília: MEC, 2000.

ROSA, Michele Rossoni. Educação Histórica, fontes históricas e novas tecnologias: descompassos e possibilidades. **Revista ÀGORA**, Porto Alegre, Ano, v. 2, p. 13- 24, 2011. Disponível em: <
http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/revistavirtualagora/artigos/educacao_historica.pdf > Acesso em: 05/03/2017

RÜSEN, Jörn. **História Viva**: teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1 reimpressão, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene Rosa. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Marco Antônio; PORTO, Amélia. **Nas trilhas do ensino de história**. Belo Horizonte: Rona, 2012.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação**. 1. Ed., 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

TAVARES, Célia Cristina da Silva. História e Informática. In: Ciro Flamarion e Ronaldo Vainfas (orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 301-317.

TORRES, F. A, Análise do Uso da Sala de Tecnologias Em Escola Pública e Privada. **Revista Tecnologias na Educação**- ano 3-número 1- Julho 2011. Disponível em:< <http://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2015/07/Rel2-ano3-vol-4-julho2011.pdf> >. Acesso em 20/08/2016.